

15092 - A formação de um coletivo de trabalho agroflorestal: o caso do grupo Galha Azul, em Morretes-PR.

The formation of an Agrofloresta collective labor force – the study case of the Galha Azul Group, Morretes, Paraná, Brazil

SALMON, Luiz Paulo G.¹; KAMINSKI, Tatiana C.G.²; LESAMA, Manoel F.³; SEOANE, Carlos Eduardo⁴; SILVA, Jimi Amaral⁵.

1 UFPR Litoral, ipsalmon_88@hotmail.com; 2 MADE/UFPR, tati.kaminski@gmail.com; 3 UFPR Litoral, flores.lesama@gmail.com; 4 EMBRAPA Florestas, eduardo.seoane@embrapa.br; 5 UFPR Litoral, jimiamaral@yahoo.com.br

Resumo

Desde 2011, o município de Morretes-PR tem vivenciado o processo de organização de um coletivo de trabalho que tem nas práticas agroflorestais seu principal modo de ação. A intenção deste relato de experiências é contar a história da formação do grupo agroflorestal Galha Azul, localizado na gleba Pantanal do assentamento Nhundiaquara. O método utilizado apoiou-se na pesquisa-ação, viabilizada a partir de sucessivas vivências junto ao grupo. Após períodos de intercâmbio de experiências e de interação entre saberes empírico-práticos e acadêmico-científicos, o grupo deu início à sua trajetória. Em um primeiro momento, a prática do mutirão foi o principal elo de construção do coletivo de trabalho, que foi se complexificando na medida em que novas soluções foram tomadas diante de situações novas, resultando no estabelecimento de canais de comercialização e do aumento da capacidade de gestão participativa das questões intrínsecas ao grupo.

Palavras-Chave: Agrofloresta; trabalho; gestão participativa

Abstract

Since 2011 the municipality of Morretes-PR, Brazil, has been experiencing an organization process of a collective labor force, one that has agroecological agroforestry systems – Agrofloresta - as its main action mode. We intend here to tell the history of the foundation of the Grupo Agroflorestal Galha Azul, located at Pantanal glebe of the Nhundiaquara settlement. Action research was the method on which we based our work, made viable through a succession of participation experiences with the Galha Azul Group. The group started its trajectory after undergoing some periods of experience exchange and interaction between practical and academical knowledge. On the beginning the Mutirão – a solidary and collective/communitarian labor - was the main bond for the construction of the collective labor force, which became more and more complex as new solutions were made when facing new situations, resulting in the establishment of commercialization channels and on the increase of the participatory management for the intrinsic situations of the group.

Keywords: Agrofloresta; labour; participatory management

Contexto

O município de Morretes-PR é sede de uma recente movimentação em torno da divulgação e prática da agrofloresta no bioma Mata Atlântica. Os primeiros contatos com a prática agroflorestal foram realizados dentro do Projeto Agroflorestas, conduzido pela Embrapa Florestas em 2008, quando três excursões contando com vários agricultores de Morretes e municípios vizinhos foram visitar e debater as agroflorestas dos agricultores da Cooperafloresta em Barra do Turvo-SP. Em 2009, no contexto do projeto citado, foram implantadas duas agroflorestas na Gleba Pantanal do Assentamento Nhundiaquara, em Morretes. Um novo fôlego às agroflorestas de Morretes veio a partir da execução do projeto Agroflorestar, conduzido pela Cooperafloresta no âmbito do Programa Petrobras Ambiental-2010. A formação de um grupo de agricultores agroflorestais pode ser considerada a mola propulsora dessa modalidade produtiva no município, com vistas a abranger quanto mais interessados em aderir à prática possam surgir. A intenção deste relato de experiências é contar um pouco da história da formação do grupo agroflorestal Galha Azul, localizado na gleba Pantanal do assentamento Nhundiaquara. As principais ações realizadas naquele momento visavam a criação e estruturação de um coletivo de trabalho que praticasse a agrofloresta como principal meio de produção de alimentos e de conservação da natureza.

Descrição da experiência

As intervenções do projeto tiveram início em março de 2011, quando técnicos da Cooperafloresta convocaram uma reunião com os agricultores da comunidade do Pantanal, no município de Morretes-PR, na qual foi apresentada uma introdução aos princípios dos sistemas agroflorestais (SAF) e a ideia do projeto Agroflorestar. Essa intervenção aconteceu através da interação entre o conhecimento dos agricultores da região e os agentes técnicos, que a partir de um diálogo iniciaram a construção de uma relação de ensino-aprendizagem, na qual aconteceram as trocas de saberes técnico-científico e empírico-prático, necessárias para consolidar os conceitos que envolvem as práticas agroecológicas e agroflorestais, numa relação dialógica entre técnicos e agricultores.

Em seguida foi marcada uma visita dos agricultores interessados para conhecer a experiência da Cooperafloresta na Barra do Turvo-SP e em Adrianópolis-PR. A partir dessa visita, os agricultores do Pantanal tiveram a oportunidade de vivenciar o saber-fazer dos agrofloresteiros da Cooperafloresta, e entraram em contato com agroflorestas de estágio avançado. Após essa sensibilização, ainda na Barra do Turvo, foi apresentada a metodologia do projeto Agroflorestar, com a proposta da formação de um grupo de agricultores de no máximo vinte famílias, que seria subdividido em grupos de cinco famílias cada, com um agente multiplicador (liderança técnica) para cada subgrupo. Depois da visita, os agricultores voltaram para a comunidade, fizeram uma reunião para divisão dos grupos e a escolha dos agentes. Escolhidos os agentes, foi convocada a primeira capacitação novamente na Barra do Turvo, com duração de três dias, na qual foram discutidos aspectos da complexidade da agrofloresta, considerando seus princípios técnicos e filosóficos. Aconteceram algumas visitas em áreas de agrofloresteiros que são referência dentro da Cooperafloresta, com a intenção de praticar a metodologia proposta para a implantação de áreas no litoral do Paraná.

A sequência de capacitação de agentes aconteceu em Morretes, quando os técnicos da Cooperafloresta junto aos agentes multiplicadores fizeram o reconhecimento e

planejamento das áreas de cada agente. Logo após, foi dado início aos mutirões de implantação das áreas dos agentes com a equipe técnica, para depois serem iniciadas as ações dos agentes multiplicadores em relação aos subgrupos, em meados de setembro de 2011.

A partir desse marco temporal, os subgrupos se organizaram e iniciaram seus mutirões de implantação de agrofloresta. Os mutirões aconteciam semanalmente, dependendo da dinâmica interna de cada subgrupo. Com isso, os agricultores começaram a apropriar-se das técnicas agroflorestais, sendo guiados por seus próprios recursos cognitivos e objetivos individuais. Ao considerar que a maioria dos agricultores integrantes do grupo não tinham a tradição pela prática da agricultura ecológica, toma-se como ponto de partida a construção de um novo conhecimento – agroflorestal – pois os níveis de apropriação das práticas dependem do contexto histórico-social de cada indivíduo, aliado ao que ele se propõe a experimentar a partir do contato com esses novos saberes. A figura 1 mostra u mutirão de implantação

Com o passar dos meses, os trabalhos tiveram continuidade e os agricultores foram percebendo que as práticas agroflorestais como a cobertura do solo, o manejo do capim, a abundância e diversidade dos produtos a colher eram elementos constituintes da agrofloresta. Entretanto, naquele momento havia uma preocupação quanto ao que fazer com os excedentes da produção, pois não havia canais de comercialização adaptados à pequenas ofertas e grande diversidade de produtos. Foi quando o ator-pesquisador tomou a iniciativa de reunir parte da produção do grupo e a levou até o município de Matinhos, onde acontecia uma ação de partilha de alimentos agroecológicos entre um grupo de consumidores recém-criado, adquirindo todos os alimentos ofertados através de contribuição espontânea, criando os preços na hora da compra. Nesse momento abriu-se a possibilidade de o grupo participar da feira local, a Matinfeira, realizada todas as quartas-feiras, sendo que a primeira participação aconteceu em 27 de março de 2012.

O início da comercialização dos produtos da agrofloresta funcionou como um estímulo ao grupo, já que a geração de renda era um objetivo constante entre os agricultores e em alguns casos fator decisivo para a permanência no grupo. Nas primeiras feiras a logística era precária, pois o carro disponibilizado para coleta e transporte dos produtos era particular e inadequado, e não havia balança nem barraca para expor os produtos. Após algum tempo, o grupo foi se estruturando e conquistou a balança, a barraca e uma caminhonete. Junto a isso, a necessidade de realizar outras atividades condicionou o grupo a repensar sua auto-organização e distribuir o trabalho entre funções específicas como motorista, feirantes, controle de caixa (10% da receita total fica em caixa), pesagem e anotação das entradas e saídas dos produtos comercializados e pagamento dos agricultores.

Entre os dias de 28 de abril a 06 de maio de 2012, o grupo conquistou um espaço na tradicional Festa Feira de Morretes, servindo como um espaço de visibilidade ao grupo perante o município. Como decorrência, o grupo, com a ajuda da EMATER, se articulou com outros produtores para a construção da feira do produtor de Morretes, que é realizada todos os sábados. Outro importante canal de comercialização acessado pelo grupo é o PAA e o PNAE, através da intermediação da COOATIVA, a qual abrange os municípios do litoral paranaense.

Outra ferramenta que faz parte do conjunto de atividades agroflorestais é a reunião de grupo. No início do projeto as reuniões aconteciam no dia do mutirão geral, mas logo foi percebido que para garantir um melhor rendimento dos encontros seria melhor realizar as reuniões em datas combinadas. As pautas regulares são: feira; comercialização (PAA, PNAE, grupos de consumidores locais); funções das pessoas dentro dos subgrupos. A evolução de constantes reuniões permitiu que o grupo conseguisse inserir nas pautas outros assuntos como o questionamento do papel das lideranças.

Na intenção de explicar como se deu todo esse processo de formação do grupo agroflorestal Gralha Azul, a metodologia utilizada apoiou-se na pesquisa-ação, na qual a pesquisadora, entendida como aquela que construiu seu olhar a partir de uma experiência exterior, posiciona-se durante seu processo de pesquisa de maneira não neutra, não passiva (Morin, 2004, p. 133). Junto a ela, o ator-pesquisador pensou sua *praxis* levando em conta a singularidade, a localidade e a temporalidade de sua ação, sem se esquecer de integrar seu ato na totalidade. Assim sendo, o posicionamento dos pesquisadores esteve dotado de intencionalidades, de ações que visavam a transformação (Morin, 2004, p. 23). Nesse sentido, sucessivos períodos de vivências forneceram elementos que permitem uma reflexão aprofundada sobre o contexto da experiência aqui relatada.

Resultados

Passados dois anos do início das atividades do grupo, pode-se observar o potencial de transformação do modo de produção convencional para agroflorestal, o fortalecimento das relações sociais gerada pelo aumento da participação dos agricultores nos mutirões, em reuniões de grupo, na reativação da Associação de Moradores Prosperidade do Pantanal, na comercialização da produção, na articulação com outras organizações da sociedade civil e do poder público. Além disso, a diversificação e aumento da produção aliada à criação de uma rede de comercialização (feiras, PAA, PNAE, certificação, economia solidária) possibilitou o aumento de renda dos agricultores e também e melhoria do autoconsumo das famílias. Vale ressaltar que os agricultores passaram a obter renda de produtos que antes não eram valorizados, como o limão-rosa, banana, caruru, azedinha, etc, e que agora passaram a ser comercializados principalmente nas feiras.

Finalmente, conclui-se após esse estudo que a agrofloresta é um instrumento importante para a construção de processos auto-gestionários, que contribui para estimular a participação dos agricultores em espaços sociopolíticos, onde são discutidos os problemas da comunidade na intenção de buscar as soluções coletivamente. O contato e a experiência com a agrofloresta propicia também um melhor entendimento sobre a dinâmica da vida e seus processos de transformação, na qual percebe-se o princípio da cooperação que acontece na natureza, podendo ser um mecanismo para ajudar na percepção dos agricultores de que é possível obter resultados energéticos positivos na relação do ser humano entre si e para com a natureza.

Referências bibliográficas

MORIN, A. **Pesquisa-ação integrada e sistêmica: uma antropologia renovada**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

Arquivos complementares



Figura1: mutirão para implantação de agrofloresta, Morretes, 2011



Figura 2: integrantes do grupo agroflorestal Galha Azul, Morretes, 2011



Figura 3: primeira cesta de produtos apresentada aos consumidores, Matinhos, 2011.